

Primavera 1998

# DOURO

## ESTADOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**DIRECÇÃO:**

Armando Pimentel (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

Alberto Amaral (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**COORDENADOR:**

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Eng. Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ.de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

**SECRETARIADO:**

Paula Montes Leal, Natália Fauvreille da Costa e Adelaide Gil

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156 ■ E-mail: gehvid@letras.up.pt

**Fotografia da capa:** «Encaixotamento do vinho do Porto». Foto Alvão, ca. 1940. Arquivo do Instituto do Vinho do Porto.

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves, Lda.

**Assinatura anual (2 números):**

**Instituições:** 4000\$00; **Individuais:** 3500\$00

**Preço deste número:** 3000\$00

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Por lapso, no número anterior, não foi mencionado o nome do tradutor do texto «O vinho do Porto na diplomacia anglo-portuguesa durante o século XIX», de Norman R. Bennett. Apresentamos, assim, as nossas desculpas ao Dr. José Álvaro Monteiro da Costa que fez a referida tradução.

# SUMÁRIO

**Editorial** 7

## **Estudos**

Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro:  
bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão 11  
Ricardo Teixeira

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto  
e da dinastia Júlio-Cláudia (31 a. C. – 68 d. C.) 29  
Julio Rodríguez González

«Por ser de sua lavra e cutelo»: questões entre o Porto e o mosteiro de Ancede  
relativas à venda de vinhos na Idade Média 49  
Amândio Jorge Morais Barros

O vinho e o estatuto de vizinhança de alguns abades do bispado do Porto,  
ou de como do facto económico se passa à história política 89  
Margarida Garcez Ventura

A alfândega de Freixo de Espada-à-Cinta em 1517 95  
Paula Maria de C. Pinto Costa ■ Júlia Isabel C. Campos Alves de Castro

O motim de Murça de 1587 109  
Aurélio de Oliveira

O Douro: estrada fluvial nos alvares do século XVIII 117  
António M. de Barros Cardoso

Comércio e comerciantes britânicos no Porto na primeira metade do século XIX 133  
Jorge Martins Ribeiro

## **Documentos**

Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho nas quintas  
de João Paçheco Pereira, antes da instituição da Companhia 161  
Gaspar Martins Pereira ■ Natália Fauvelle da Costa

## **Outros vinhos**

O comércio dos vinhos Málaga no século XX: antes e depois da criação  
do Conselho Regulador da Denominação de Origem 179  
Elena Ruiz Romero de la Cruz

## **Relatórios e notas de pesquisa**

Os vestígios alto-medievais de Muimentos (Fonte Longa – Meda) 201  
Carlos A. Brochado de Almeida ■ Luís Jorge S. Guedes da Silva

Povoamento e morte na paisagem de Areola (Meda): subsídios para uma diacronia da ocupação 211  
Pedro Baère de Faria ■ João Viana Antunes

Aspectos da História Antiga de Longroiva 220  
João Viana Antunes ■ Pedro Baère de Faria ■ Pedro Brochado de Almeida

Ranhados (Meda): a diversidade das permanências humanas evidenciada  
pela prospecção arqueológica 225  
João Viana Antunes ■ Pedro Brochado de Almeida

Casteição, núcleo sepulcral de «Mosteiros» 230  
Pedro Baère de Faria ■ Cláudio Laranjeira Brochado

Subsídios histórico-arqueológicos para um inventário da freguesia de Pai Penela (Meda) 238  
Maria José Ferreira dos Santos ■ Sandra Raquel Rodrigues

**Notícias** 252

**Agenda** 264

\* Pedro Baère de Faria  
\*\* Cláudio Laranjeira Brochado

## Casteiço, núcleo sepulcral de «Mosteiros»

Casteiço é uma aldeia que pertence administrativamente ao concelho da Meda, distrito da Guarda, distando da sede de concelho cerca de 10 Km para Sudoeste (em linha recta).

Confina a Poente com as freguesias de Torre do Terranho e de Terranho (concelho de Trancoso), a Norte com as freguesias de Pai Penela e Prova, a Nascente com a freguesia de Carvalhal e a Sul com as freguesias de Valdujo e de Castanheira (concelho de Trancoso).

Casteiço desenvolve-se longitudinalmente num acesso à Estrada Nacional 600 (Trancoso – Meda), contando com um número de habitantes que rondará as 300 almas, distribuídas por cerca de 180 fogos (Fig. 1).

A zona de Casteiço é geologicamente dominada por maciços graníticos que conferem à terra uma configuração montanhosa caracterizada por encostas, nos sopés das quais surgem vales encaixados.

A Ribeira da Teja corre-lhe pela vertente Oeste, a cerca de 1 Km de distância, lançando-lhe generosas linhas de água, o mesmo cumprindo à região de Casteiço, pela parte Sul, a Ribeira das Águas Vivas distante sensivelmente 2 Km; completando esta dádiva da natureza, a Oriente e a Norte, o Ribeiro do Aldeão, aproximadamente a 2 Km como a anterior.

Este conjunto de braços de água que se disseminam pelo terreno genericamente acidentado garante a Casteiço e à sua zona envolvente o devido abastecimento doméstico de água, materializado pela fonte e pela irrigação agrícola a que não é alheia a presença frequente de poços.

A mancha verde de Casteiço caracteriza-se pela presença do bosque onde medram o pinheiro, o carvalho e a giesta e pelos terrenos desbravados pela mão laboriosa do Homem (que lhes acrescentou espécies como a vinha, a oliveira, a amendoeira e o milho), onde se apascentam rebanhos de gado ovino em complementarização com as possibilidades que o *saltus* abre a esta actividade económica.

■ Arqueólogo. Investigador do GEHVID.

■ Aluno da licenciatura em História, variante Arqueologia da FLUP.

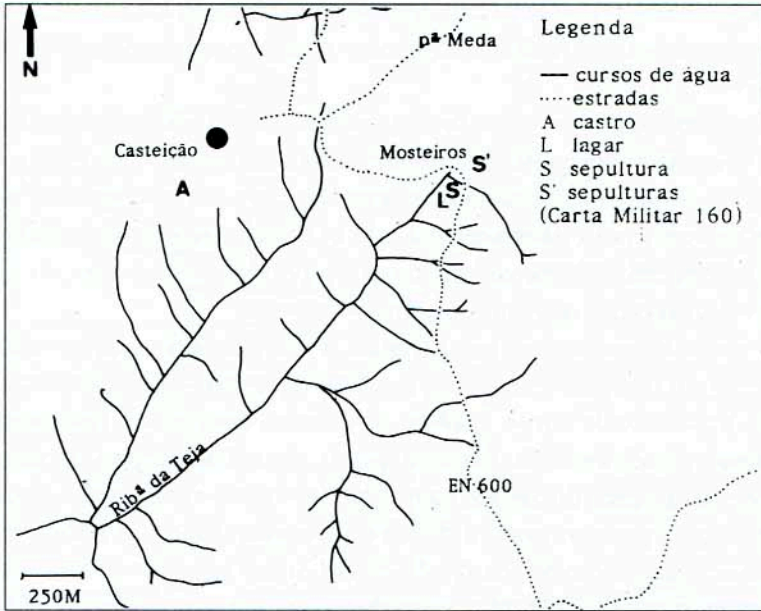


Fig. 1

Os vestígios mais recuados do povoamento de Casteiçã remontam à Época Castreja<sup>1</sup>, da qual o cume mais a Sul da povoação guarda a memória, que os fragmentos de cerâmica doméstica testemunham, bem como os restos de construções presentes nas plataformas livres de penedia, no passado bem defendidas a Nascente pela vertente abrupta que aí se desenvolve.

A parte superior do castro constituía a acrópole, que actualmente se encontra encimada por um marco geodésico, em torno da qual há restos de uma muralha cujo perfil nos remete para uma ocupação posterior do mesmo local, em Época Medieval, corporizada numa atalaia.

Sabe-se que, em 1196 (30 de Julho), D. Sancho I concede foral a Casteiçã, segundo o modelo já usado para o de Trancoso<sup>2</sup>. Este foral surge renovado em 1217 pela vontade de D. Afonso II<sup>3</sup>.

Como referência de inestimável valor artístico e histórico, existe no centro da aldeia um pelourinho da Época Manuelina.

Quem percorrer esta terra, próximo de 1 Km para Leste, no sentido Casteiçã – Trancoso, pela Estrada Nacional 600, deparará com um local de topónimo «Mosteiros», nome para o qual não se vislumbra explicação capaz, sítio onde a nossa actividade prospectiva deparou com uma muito bem talhada lagareta<sup>4</sup>, num

<sup>1</sup> SIÃO, José – *A Vila da Meda e o seu concelho*. 1996

<sup>2</sup> COSTA, P.e Avelino Jesus da – *Documentos de D. Sancho I*. Coimbra. p 152-156

<sup>3</sup> SIÃO, José – o.c.

<sup>4</sup> SIÃO, José – o.c.

generoso afloramento granítico. Esta lagareta encontra-se localmente associada a uma sepultura cavada na rocha. Este núcleo está situado praticamente na berma da estrada, do lado Sul.

Mais afastado dessa via, para Norte, avistou-se um outro conjunto de cinco sepulturas cavadas na rocha, formando um núcleo sepulcral cujos elementos constitutivos se lavraram em afloramentos graníticos pouco emergentes e copiosamente dissimulados pelo denso giestal que aí se desenvolve conjuntamente com alguns pequenos tufos de carvalhos, os quais perduram ao longo do caminho e nas partes mais elevadas das encostas envolventes.

O local onde se encontram tais achados é um pequeno vale encaixado entre duas encostas de desigual dimensão, sendo uma delas – a que se expande para Ocidente – aquela onde surge o «Alto da Forca», área muito pedregosa sobretudo na parte mais elevada. Da forca, a que se deve o topónimo, só subsistem os encaixes para os pilares. Encosta e vale foram em tempos recuados arados e agricultados, situação que tem vindo a decair com o abandono dos socalcos mais elevados. Essa situação estendeu-se também às poucas casas de arrumos e de recolha de animais que se encontram semi-derruídas e destelhadas. A componente agrícola ainda a perdurar é, sobretudo, a vinha que se encontra na parte mais baixa do vale, a Sudoeste da aldeia.

### **Sepultura 1**

De todas é a que se encontra em pior estado de conservação, facto para o qual terá concorrido o tipo de granito da área onde se implanta, que é de grão grosso.

Apresenta uma configuração antropomórfica estilizada, sendo a sua orientação Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,72 m  
largura da cabeceira – 0,53 m  
largura dos pés – 0,38 m  
profundidade média – 0,22 m

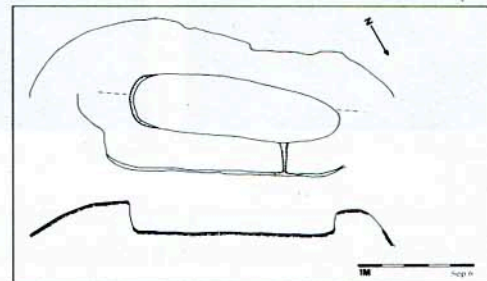
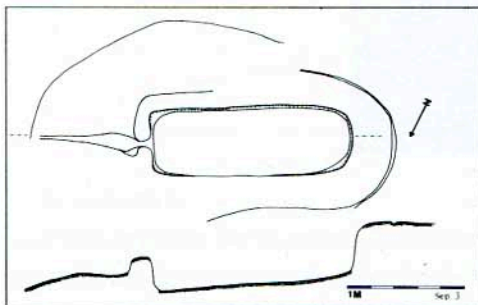
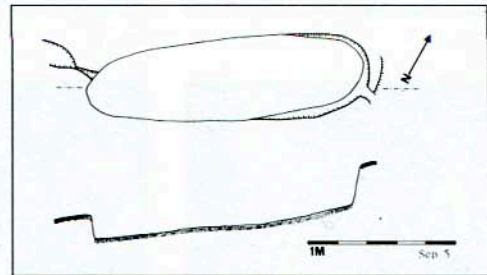
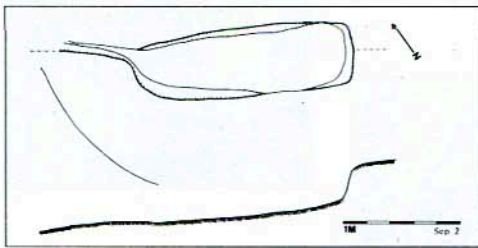
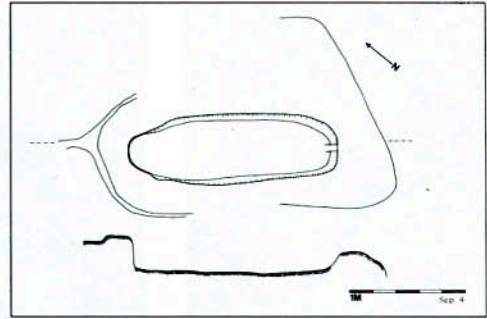
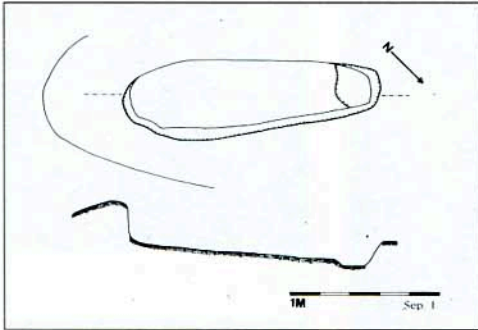
### **Sepultura 2**

Este exemplar encontra-se em melhor estado de conservação do que o anterior, situação, no que toca este particular, razoável.

Possui um formato sub-trapezoidal, com rego de escoamento das águas rasgado no canto esquerdo. A sua orientação é Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,92 m  
largura da cabeceira – 0,60 m  
largura dos pés – 0,52 m  
profundidade média – 0,20 m

## EST. I

**Sepultura 3**

Esta sepultura persiste em bom estado de conservação. Tem uma forma sub-quadrangular, com rebordo à cabeceira, exibindo ainda um rego de escoamento das águas situado ao centro e perfurado. Apresenta uma orientação Oeste-Sudoeste/Este-Nordeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,74 m  
 largura da cabeceira – 0,60 m  
 largura dos pés – 0,60 m  
 profundidade média – 0,38 m

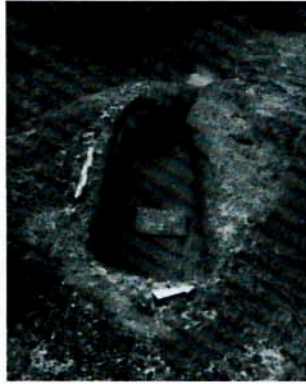
**Sepultura 4**

Com um bom estado de conservação, esta sepultura surge com uma configuração de tendência antropomórfica, com ombros arredondados; tem também um

## EST. II



Sep. 1



Sep. 2



Sep. 3



Sep. 5



Sep. 6



Sep. 4

rebordo que acompanha a cabeceira, assim como um canal de escoamento das águas, ao centro, cuja perfuração apenas foi iniciada. A sua orientação é Noroeste/Sudeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,80 m  
 largura da cabeceira – 0,53 m  
 largura dos pés – 0,55 m  
 profundidade média – 0,24 m

### Sepultura 5

Estando em bom estado de conservação, esta sepultura configura-se sub-trapezoidalmente, apresentando um rego de escoamento das águas perfurado e inclinado para a esquerda. Está orientada Este-Nordeste/Oeste-Sudoeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,91 m  
 largura da cabeceira – 0,47 m  
 largura dos pés – 0,46 m  
 profundidade média – 0,25 m

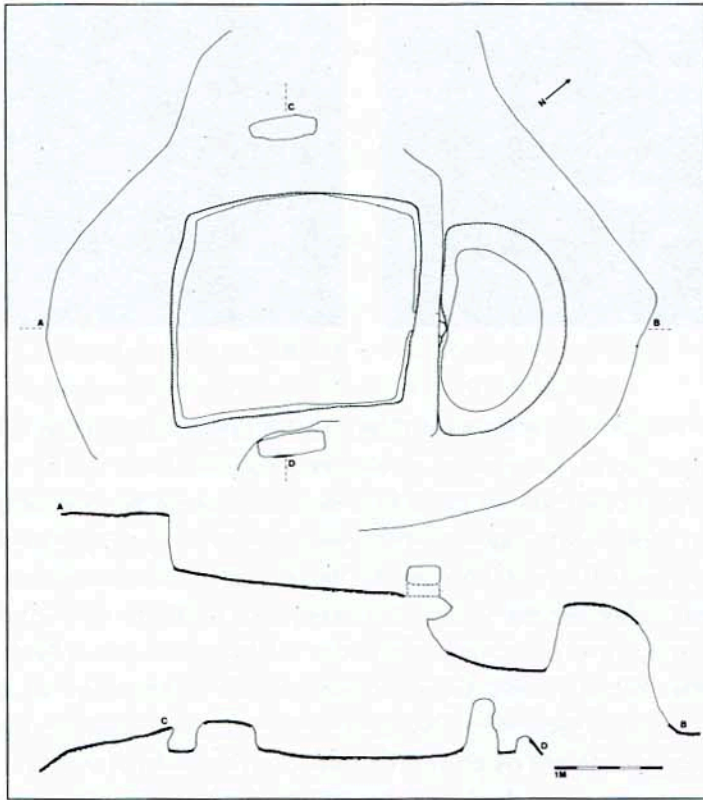


Fig. 2

### Sepultura 6

Possuindo um bom estado de conservação, esta sepultura de formato sub-trapezoidal está acompanhada de um rebordo ao longo do seu lado esquerdo, ligado à sepultura por um rego superiormente colocado e que seguramente é estranho à feitura da mesma. Tem uma orientação Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

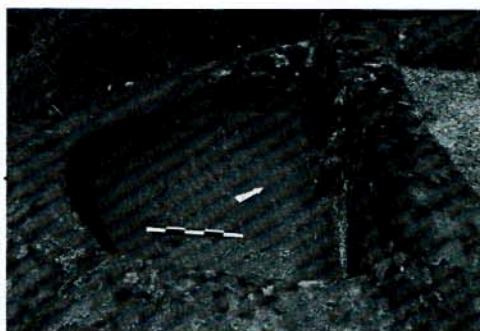
Medidas: comprimento – 1,80 m  
 largura da cabeceira – 0,48 m  
 largura dos pés – 0,43 m  
 profundidade média – 0,22 m

Como mandam as regras, estas sepulturas – à imagem de outros núcleos sepulcrais similares estudados e alvo de publicação<sup>5</sup> – estão próximas de um antigo caminho que, inflectindo para Poente, poderia, no passado, conduzir à

<sup>5</sup> BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: FLUP, 1987, p 128-129.



EST. IIIA



EST. III B

área onde se encontra a aldeia de Casteirão e talvez, possuindo um pequeno acesso mais para Norte, levar ainda ao «Alto da Forca».

As sepulturas, sobretudo as cinco que mais facilmente se relacionam entre si, localizadas do lado Norte da actual via, escalonam-se sensivelmente paralelas umas às outras, em rocha de grão grosso, facto que levou ao erosionamento parcial de algumas delas, em particular naquela que se encontra deslocada bem próximo da lagareta. Esse posicionamento das cinco sepulturas a Norte, mais ou menos paralelas entre si, não significa que as suas orientações se apresentem segundo um esquema repetitivo. De facto, nem todas as sepulturas demonstram, nos seus alinhamentos com os pontos cardeais, um respeito óbvio pela orientação canónica. Nem todas se voltam para Oriente visando Jerusalém, excepção feita para o caso das sepulturas 3 e 4. Sublinhe-se que este pormenor reflecte, muitas vezes, a impossibilidade de se conciliar o respeito pelo canône e o melhor aproveitamento dos afloramentos rochosos.

A inclinação para os pés é evidente em quase todas elas, excepção feita para as nº 4 e 6.

Para este tipo de conjuntos sepulcrais, a cronologia aproximada medeia entre os séculos IX e XI, ou um pouco mais tardia<sup>6</sup>. No entanto, só com a confirmação de outros elementos arqueológicos ou de índole documental, a este tempo ausentes da nossa pesquisa, se poderia ser mais preciso nesta questão.

A mesma problemática toma um carácter mais amplo e complexo no tocante à lagareta, a qual corresponde a uma tipologia de estruturas que possuem um amplo espectro temporal que pode oscilar entre o mundo romano e a Modernidade.

Esta lagareta apresenta uma forma sub-quadrangular, com fundo inclinado rematado por canal de drenagem para o pio<sup>7</sup>. Este é semi-circular com cavamento

<sup>6</sup> BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: FLUP, 1987, p. 111-113, 130 e 140.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de – *O Passado Arqueológico de Carlão-Alijó*. «Portugália». Porto: FLUP, Instituto de Arqueologia. Nova série, vol. XIII- XIV (1992/1993), p. 239.

central, possuindo uma profundidade média de 0,60 m e um perímetro na linha superior de 5,60 m, medidas que lhe garantem uma capacidade que rondará os 800 l. Por sua vez, o lagar conta com uma aresta média (medida total do perímetro dividida por 4) de 2,05 m e uma profundidade média com 0,42 m. Está ladeado por dois encaixes para assentamento das traves que suportavam a estrutura de prensagem da uva (Fig. 2; Est. III).

Se presentemente o perímetro de Casteição é terra votada ao cultivo da vinha, nada de absoluto sabemos no que toca ao passado, quer ele se refira a períodos bem mais recuados de que o castro de Casteição nos dá testemunho, ou para tempos mais imediatamente seguintes sob a égide da civilização romana e para os quais a produção vitivinícola é referência cultural obrigatória.

Fica-nos a lagareta, neste particular, como documento mudo que apenas nos permite alguma hipótese eivada de receio.

Somos então, obrigados a dar um salto no tempo e procurar construir um quadro sincrónico, eventualmente mais consistente, cuja base serão as sepulturas de «Mosteiros», a aldeia de Casteição com os seus vestígios de atalaia medieval, os forais de D. Sancho I e de D. Afonso II e uma vez mais, inevitavelmente, a lagareta.

A atalaia no cume que se ergue a Sul de Casteição prova-nos que, em tempos que poderão recuar à parte final da Alta Idade Média, ali se desenvolveu uma ocupação humana suficientemente importante e/ou capaz de erguer e sentir a necessidade de uma estrutura defensiva daquele tipo.

Legítimo será também acreditar que o núcleo sepulcral de «Mosteiros», que não dista mais de 1 Km (em linha recta) do alto onde se situa a atalaia, corporiza a vivência espiritual dessa gente, que em casais ou aldeia ocupavam o território nas suas áreas mais produtivas, daí tirando o seu sustento que os campos e os meios de produção, como a lagareta<sup>8</sup> que o passado nos legou, lhes garantiam.

Desse passado vivo traçar-nos-ão uma ideia mais clara os dois forais referidos acima, numa linha de eventual continuidade que demonstra o sucesso da ocupação humana em Casteição nesses tempos recuados.

<sup>8</sup> Em conversa com Ricardo Teixeira (GEHVID) foi-nos transmitida a ideia, a nosso ver oportuna, de que, quando surge uma sepultura(s) cavada na rocha associada a lagareta, é prudente e lógico considerar-se que as estruturas em questão não são contemporâneas. Tal pensamento decorre do facto de sermos levados a supor que a dignidade de um sepulcro não se compadece com a possibilidade deste se situar junto de um elemento do quotidiano, mesmo que este seja de suma importância. Este pensamento surge reforçado, uma vez que sabemos existirem sepulturas daquele tipo reaproveitadas como lagaretas. Assim, o nosso quadro sincronicamente traçado terá de ser alvo de leitura cuidadosa, sempre inserido no universo de uma construção hipotética, mas plausível.